



Reviver a história da fortificação
Das Visitas Guiadas à
Fortaleza de São João Batista
do Monte Brasil

FORTALEZA
DE SÃO JOÃO BATISTA DO MONTE BRASIL

Arquitetura de engenharia de alta qualidade. Marco de História Militar Nacional. Centro Histórico de São João do Monte, o primeiro e que, por mais de 400 anos, viveu sob o domínio de São João do Monte.

Edifício com 10 pavimentos e 1000 metros quadrados de área construída. O edifício foi projetado por Luís de Sousa e Silva, sob a orientação de António de Almeida.

MAH

Principais áreas
- Museu de História Militar Nacional
- Centro Histórico de São João do Monte
- Igreja de São João do Monte
- Igreja de São João do Monte
- Igreja de São João do Monte

Este edifício foi projetado por Luís de Sousa e Silva, sob a orientação de António de Almeida.

Este edifício foi projetado por Luís de Sousa e Silva, sob a orientação de António de Almeida.

Visitas Guiadas à FORTALEZA DE SÃO JOÃO BATISTA DO MONTE BRASIL

Guided tours to São João Batista Fortress of Mount Brazil

Visite a Fortaleza São João Batista (em português do Museu de Angra do Heroísmo)

Visit São João Batista Fortress with guides from Museu de Angra do Heroísmo



Guia em visitação, numa edição bilingue, criada para a visitação à Fortaleza de São João Batista no Monte Brasil.

... foi feita com pragas, suor e sangue.
Pe. Manuel Luís Mandonado

Texto: **Jorge A. Paulos Bruno** | Diretor do Museu de Angra do Heroísmo | Anahi Meyer Riera, Carla Devesa Rodrigues, Joana de Freitas e João Pedro Dias Lemos | **DRC** | Museu de Angra do Heroísmo

O Museu de Angra do Heroísmo, a partir do mês de janeiro do corrente ano de 2020, passou a oferecer ao público a possibilidade de efetuar visitas guiadas à Fortaleza de São João Batista do Monte Brasil, no quadro de um protocolo celebrado entre a Direção Regional da Cultura e o Exército Português, através do Regimento de Guarnição N.º 1.

A visita inicia-se com uma contextualização histórica na antiga Capela da Boa Nova (parte integrante do Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima),

segundo daí até ao Relvão, passando depois pelo Revelim da Boa Nova para chegar à Casa da Guarda e dar entrada na Fortaleza. A chegada à Praça de Armas – de imperiais dimensões –, por ser o centro da Fortaleza, permite ao visitante observar os edifícios que em seu torno se ordenam, como a Igreja de São João Batista, a Casa do Comando, antes Palácio do Governador, e a Ermida de Santa Catarina de Sena. Do mesmo espaço é também possível vislumbrar o calejão, a entrada para o Corpo da Guarda e o acesso para a poterna,

evocando-se ainda edificados que a passagem do tempo e as exigências dos ocupantes fizeram derrubar: uma cidadela.

De seguida, evidencia-se a magnificência da Porta de Armas, para terra voltada, a imponência das suas muralhas, e sublinha-se a preocupação defensiva evidenciada pelas chamadas covas de lobo. A entrada nos calabouços e a descida à porta falsa da Fortaleza e à cripta da Igreja de São Batista propiciam experiências singulares, potenciando um autêntico recuo temporal.

O percurso continua até às Baterias de D. Pedro IV e de D. Maria II, subindo-se ao Torreão da Bandeira, do qual se avista o coberto vegetal do Monte Brasil, a imensidão do mar e o deslumbramento da paisagem sobre a cidade de Angra do Heroísmo.

A cisterna, de edificação contemporânea à da Fortaleza, com capacidade para dessedentar, através da coleção de águas pluviais, bem mais do que aqueles que aí faziam o seu quotidiano, assinala o fim da visita.

Em cerca de 120 minutos e mil e quinhentos metros de passadas revive-se, assim, a história da fortificação que guarda essa boca escancarada, transformada nas palavras de Gaspar Frutuoso na *universal escala do mar do poente*: a baía de Angra.

Pela narrativa pretende-se dar a conhecer aos visitantes os diversos papéis que, ao longo de mais de quatrocentos anos de existência, a Fortaleza de São João Batista do Monte Brasil desempenhou em distintos



Pela narrativa pretende-se dar a conhecer aos visitantes os diversos papéis que, ao longo de mais de quatrocentos anos de existência, a Fortaleza de São João Batista do Monte Brasil desempenhou (...) (Foto: MAH).



As visitas guiadas à Fortaleza de São João Batista realizam-se preferencialmente mediante marcação prévia [Foto: MAH].

episódios da história da ilha, do arquipélago, nacional e até internacional. Assim, ao ser referido o início da sua construção, em 1592-94, narra-se também a vontade de um monarca, Filipe II, em mostrar ao mundo que considerava não ser suficiente, através da implantação no meio do Atlântico, do, ao tempo, Castelo de São Filipe, a sua colossal determinação de hegemonia; incluem-se o génio inovador da arquitetura militar e o labor construtivo dos pedreiros. Do mesmo modo, somente dois anos após a subida de D. João IV ao trono e da independência restaurada, em 1642, foi possível a portugueses entrarem no bastião: apenas a sede, a fome e a doença conseguiram quebrar a resistência de algumas centenas de espanhóis no seu interior sitiados, levando-os a capitular. Foi o local escolhido, porque embora

pertencendo ao reino, dele territorialmente distava, para, entre 1669 e 1674, exilar, com a dignidade que a majestade da pessoa do rei exigia, D. Afonso VI e o séquito que o acompanhava. Na primeira metade do século XIX, durante o período da guerra civil portuguesa, que, de 1828 a 1834, opôs constitucionistas e absolutistas, assistiu à preparação da defesa, liderada por D. Pedro IV, de um batalhão com quinhentos homens, contra as tropas de D. Miguel; acomodou, no seu interior, a Casa da Moeda, onde – para fazer face às despesas da causa liberal – se cunharam, com as sinos das igrejas, as moedas de 80 réis ou, como ficaram conhecidas, os malucos; no seu torreão hasteavam os Caçadores n.º 5 a bandeira da causa liberal, o único local em todo o Portugal de então onde, publicamente, isso acon-

tecia. Também, por uma década, até ao seu falecimento em 1906, Gungunhana, rei vátua imperador de Gaza, a conheceu como exílio. Transformou-se, aquando da Primeira Guerra Mundial, no seguimento da declaração de guerra entre Portugal e a Alemanha, num depósito para famílias de origem alemã, tendo chegado a albergar, entre 1916 e 1919, mais de sete centenas de concentrados. A partir de 1926, com a Ditadura Nacional, converteu-se em prisão política, tornando-se o destino para dissidentes e para opositores ao regime; serviu de sítio de degredo até 1936, ano em que se criou, na ilha de Santiago, em Cabo Verde, o Campo de Concentração do Tarrafal; e, até ao final do Estado Novo, em 1974, continuou a encarcerar anarcossindicalistas e simpatizantes ou mi-

litantes do Partido Comunista Português. Com uma permanência ininterrupta de quatro séculos, constituiu-se pelo aquartelamento de tropas operacionais mais antigo em território português, atualmente representado pelo Regimento de Guarnição N.º 1

Pela narrativa elencam-se nomes, factos e cronologias, não permitindo, ao mesmo tempo, pela rememoração de gentes e acontecimentos, que o antanho se esfume no olvido e que a memória, individual e coletiva, se cerceie e empobreça.

As visitas, com uma taxa de ingresso de cinco euros, realizam-se preferencialmente mediante marcação prévia (museu.angra.info@azores.gov.pt ou 351 + 295 240 800), de terça-feira a domingo e feriados, em horário das 10h00 às 12h00 e das 14h30 às 16h30.

Em cerca de 120 minutos e mil e quinhentos metros de passadas revive-se, assim, a história da fortificação que guarda(va) essa boca escancarada, transformada nas palavras de Gaspar Frutuoso na universal escala do mar do poente: a baía de Angra.



Momentos da sessão de apresentação pública do circuito de visita, realizada a 18 de dezembro de 2017, na Núcleo de História Militar Manuel Coelho Baptista de Lima (Foto: MAH).